



A Santa Sé

SANTA MISSA NO CEMITÉRIO DE "CAMPO VERANO" EM ROMA EM SUFRÁGIO DOS FIÉIS
DEFUNTOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Terça-feira, 1 de Novembro de 1983

"Alegremo-nos todos no Senhor, celebrando a festa de todos os Santos".

1. Irmãos e Irmãs caríssimos!

Reunidos dentro deste sagrado recinto para orarmos junto dos túmulos dos nossos Parentes, poderia parecer-nos quase fora de tempo e de lugar um tal convite a alegrarmo-nos no Senhor. Hoje, de facto, na vigília da Comemoração de todos os fiéis defuntos, pareceria mais apropriado abrimos a alma a pensamentos austeros e, portanto, também a tristes e sentidos sentimentos e recordações.

E no entanto, este é o *convite da Liturgia da Igreja*, e eu não hesito em repeti-lo agora diante de vós, não sem advertir que a espiritual alegria, precisamente porque centralizada no Senhor, pode bem compor-se com aquele sentido de tristeza que nasce da meditação sobre a brevidade e relatividade da vida nesta terra, ou melhor, deste natural e insuprível lema da humana psicologia ela pode tornar-se como ponto de chegada para um arcano processo de sublimação. Quem crê e espera em Deus — quero dizer — sabe transformar os mesmos sofrimentos em razões de alegria, e sabe como e porquê no seu íntimo possa realizar-se uma tal transformação. Precisamente agora foi-nos proposto o *Evangelho das Bem-aventuranças*, e Jesus mesmo preanunciou esta transformação, proclamando solenemente: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados" (*Mt. 5, 5*)!

2. O Evangelho das Bem-aventuranças foi o Código, em que se inspiraram os Santos na sua vida, embora na extrema variedade das circunstâncias. Neles se inspiraram todos e cada um

"daquela multidão imensa (...) de todas as nações, tribos, povos e línguas", de que nos falou a primeira Leitura (*Apoc. 7, 9*). Todos e cada um — homens e mulheres, jovens e velhos, sacerdotes ou leigos, religiosos e religiosas que estão nos claustros ou a viver no mundo — tomaram a sério os programáticos enunciados do Cristo Senhor e, esforçando-se por traduzi-los na prática quotidiana, mereceram obter a salvação e entrar no Reino do Pai. Eis porque lemos que "todos estavam de pé diante do trono e diante do Cordeiro (...). E em alta voz proclamavam: 'A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro'" (*ibid. 9-10*).

Ainda que me falte tempo para examinar uma a uma as Bem-aventuranças da pobreza evangélica, do sofrimento aceite de modo cristão, do empenho em favor da justiça e da paz, da pureza de coração, etc. (cf. *Mt. 5, 1-12*), não posso deixar de afirmar como para os Santos tenha sido essencial, *a fim de conseguirem a salvação eterna*, a relação de adesão que por meio delas não só Instauraram a nível de conceito mas viveram a nível existencial. Fiéis a estes altos ensinamentos de Cristo, os Santos puderam assim segui-1'O como o Cordeiro que, depois de ter sido imolado no Calvário, está agora na glória sentado junto do trono de Deus.

3. *Quem são os Santos?* Uma vez mais responde-nos o texto sagrado de hoje: "Estes são os que vêm da grande tribulação: lavaram as suas vestes e alvejaram-nas no sangue do Cordeiro" (*Apoc. 7, 14*).

Estas palavras não só nos confirmam a realidade daquela passagem do sofrimento à alegria, de que falei no início, mas assumem um *significado todo particular* no contexto do *Ano Santo da Redenção*, que a Igreja inteira está a celebrar. Este Ano Santo quer dizer, essencialmente, haurir os inexauríveis tesouros do mistério da Redenção. E que significa aquele "lavar as vestes e alvejá-las no sangue do Cordeiro" senão haurir estes mesmos tesouros? Não é porventura verdadeiro — como canta o Hino pascal — que "o Cordeiro redimiu o seu rebanho"? Eis então que os Santos, além de serem para nós modelos das virtudes evangélicas, como são propostas em cada uma das Bem-aventuranças, são pessoas que de modo mais pleno *hauriram os "recursos" da Redenção de Cristo* e, participes do "candor" do Cordeiro, nos precedem na celebração da liturgia celeste, que se realiza "diante do trono e diante do Cordeiro".

Quantas vezes, caros Irmãos e Irmãs, ouvimos falar da "Comunhão dos Santos"? *Comunhão* significa união íntima, que é muito mais do que um simples contacto e comunicação: no campo sobrenatural, ela exprime a união íntima que subsiste com aqueles que, pela posse da graça santificante, são membros vivos da Igreja, e a *título todo especial*, com aqueles que, pela posse da sua glória, são já "bem-aventurados" na Igreja assim chamada triunfante. A esta realidade da "Comunhão dos Santos" o carácter da presente Solenidade e a circunstância do Ano Jubilar devem abrir-nos. Devemos, portanto, agradecer aos Santos, não tanto como indivíduos dignos, sim, de admiração, mas para nós muito distantes e quase inatingíveis na sua altura, mas como irmãos que estão perto de nós e *querem ajudar-nos* no nosso peregrinar terreno. Como eles, vivendo junto do trono de Deus, ao lado do Cordeiro redentor, agora participam em plenitude nos

frutos da Redenção, deste modo são capazes de *nos abrir de modo singular o acesso* a tais "recursos" sobrenaturais. Aquela "comunhão" existente entre todos os que pertencem a Cristo, torna-se no caso dos Santos um vínculo ainda mais estreito e para nós, peregrinos aqui na terra, particularmente fecundo: torna-se intercessão, isto é, ajuda nas necessidades, defesa dos perigos, amparo no realizar o bem. Acompanhados e como que escoltados por esta multidão imensa de Irmãos maiores, nós devemos com renovada confiança aproximar-nos do trono onde está o Cordeiro imaculado, para fazermos nossos e — diria quase — "personalizarmos" os frutos da Redenção, que Ele completou com a sua morte e ressurreição.

4. *Hoje os Santos, amanhã os Mortos.* Com sábio intuito pedagógico a Igreja tem e conserva cronologicamente unidas estas duas comemorações, porque, embora preocupada da sorte dos homens nesta terra, ela não pode absolutamente não aceitar ou descurar a *dimensão ultraterrena deles*. Por isto, assim como nos fez meditar a respeito dos Santos, agora nos convida também a recordar com devoto pensamento os *nossos Irmãos defuntos*. Direi mais: aquela série de conceitos, que até aqui explanei no contexto da "Comunhão dos Santos", pode e deve ser referida — como convém — aos defuntos, pois também entre nós e eles vigora aquele vínculo de união. E se, ao seguir o exemplo dos Santos, eu quis reafirmar o nosso comum dever de haurir os inexauríveis "recursos" da Redenção de Cristo, nós desejamos também, hoje e de modo especial amanhã, que todos os frutos desta nossa participação sirvam *às almas dos Fiéis defuntos*.

Bem sabeis como durante este Ano é concedida uma especial Indulgência jubilar que — do mesmo modo que as outras Indulgências — pode sempre ser aplicada aos defuntos *à maneira de sufrágio*. Isto eu quis explicitamente reafirmar na Bula de proclamação do Ano Santo (cf. Carta [*Aperite Portas*](#), 11), e isto desejo agora recomendar-vos calorosamente, ao indicar-vos *um concreto e precioso acto de caridade para com os defuntos*, que ao mesmo tempo é exercício e nova prova da "Comunhão dos Santos".

Que seria, de facto, o *dia dos Mortos*, se faltasse — entre as várias homenagens também humanamente tão apreciáveis e comoventes — esta perfumada flor espiritual que é a oração de sufrágio? Ao lado dos actos tradicionais de devoção por eles eu vos indico, em particular, o dom da Indulgência.

Eis, ao aproximar-se a hora das Vésperas deste dia solene, a visão dos Santos e dos Bem-aventurados do Céu e com ela o convite litúrgico "a alegrarmo-nos no Senhor" combinam-se com a recordação precisa e sentida dos nossos caros defuntos. Uma vez mais nós todos somos interiormente chamados a fazer uma síntese entre pensamentos e sentimentos diversos: as alegrias e as dores podem e devem harmonizar-se na superior e tranquilizadora serenidade da esperança cristã. E sabemos que esta é esperança que não decepciona (cf. *Rom.* 5, 5).

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana